



proteção jurídica

resistência

visibilidade

protagonismo

atitude

expressão

Quatro experiências extensionistas: deslocamentos espaciais e narrativos

Four extensionist experiences: spatial and narrative displacements

Marcela Silvano Brandão Lopes
Professora adjunta do departamento de projetos da Escola de arquitetura da UFMG
marcelasblarq@gmail.com

RESUMO

Neste artigo pretendemos fazer uma discussão sobre as formas de interação e interlocução entre o saber acadêmico e o saber não acadêmico, a partir de experiências desenvolvidas por meio da parceria entre grupos de pesquisa da Escola de Arquitetura da UFMG e um movimento de luta pela moradia, sustentadas na articulação do tripé pesquisa, extensão e ensino. Elegemos quatro experiências extensionistas realizadas ao longo dos últimos seis anos, que serão analisadas a partir da constatação que, mesmo sem ter sido programado, houve, ao longo desse tempo, uma ampliação da escala de abrangência espacial das ações realizadas. Essa ampliação foi acompanhada por um outro movimento, relativo ao alcance das contranarrativas mapeadas sobre as ocupações urbanas autoconstruídas, visibilizadas e amplificadas por meio de cartografias coletivas, cujo intuito foi o de complexificar o entendimento sobre esses territórios, muito vezes marcados exclusivamente pelo discurso da falta e da precariedade.

Palavras-chave: Compartilhamento de saberes. Processo cartográfico. Ocupações urbanas autoconstruídas.

ABSTRACT

In this article we intend to discuss the forms of interaction and interlocution between academic knowledge and non-academic knowledge, based on experiences developed through the partnership between research groups of the UFMG's School of Architecture and a struggle for housing, sustained in the articulation of tripod research, extension and teaching. We chose four extension experiments carried out over the last six years, which will be analyzed from the observation that, even without having been programmed, there was, throughout this time, an expansion of the scale of spatial coverage of the actions carried out, accompanied by another movement, concerning the scope of counter-narratives mapped on self-constructed urban occupations, made visible and amplified by collective cartographies, whose purpose was to complicate the understanding of these territories, often marked exclusively by the discourse of lack and precariousness.

Keywords: Knowledge sharing. Cartographic process. Self-built urban occupations.

INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendemos fazer uma discussão sobre as formas de interação e interlocução entre o saber acadêmico e o saber não acadêmico, a partir de experiências desenvolvidas por meio de parcerias dos grupos de pesquisa PRAXIS¹ e INDISCIPLINAR², da Escola de Arquitetura da UFMG, com o MLB (Movimento dos Bairros Vila e Favelas)³, sustentadas na articulação do tripé pesquisa, extensão e ensino.

Elegemos quatro das várias atividades realizadas ao longo dos últimos seis anos, sendo que a primeira aconteceu em 2012, na disciplina “Cartografias críticas”⁴, com apoio do projeto de extensão “Diálogos”⁵, a partir da questão: a criança e a produção do espaço na Ocupação Eliana Silva. A segunda se iniciou em 2016, na disciplina “Parque das Ocupações”, cujas atividades foram continuadas nos projetos de extensão “Artesanias do Comum”⁶ e “Natureza Urbana”⁷. A terceira se refere à implementação de uma rádio comunitária na Eliana Silva, que se desenvolveu no ano 2017, a partir da conjugação de dois projetos de pesquisa (“Dispositivos de mobilização na produção política do espaço: tangências e divergências entre práticas de intervenção urbana”⁸ e Tecnologia social das Ocupações urbanas⁹) e dois projetos de extensão (“Artesanias do Comum” e “Mídias Comunitárias”¹⁰). A quarta é um desdobramento da terceira, e se refere à reforma de um ônibus, cuja doação se deu através de uma parceria buscada pela coordenação dos projetos citados com uma empresa da região, que também contou com uma disciplina de projeto para se efetivar, Pflex: Arquitetura Desobediente¹¹.

Antes de descrever as experiências vividas, é preciso situar o leitor sobre o advento das ocupações urbanas planejadas em Belo Horizonte. O processo se iniciou em 1996, a partir da insatisfação com a política habitacional vigente, resultando na primeira ocupação, a Corumbiara. Entretanto, foi a partir do ano 2010 que as ocupações passaram a acontecer de maneira mais contundente, sendo que, quando organizadas por movimentos de luta pela moradia, há todo um planejamento da gleba e/ou lotes a serem ocupados, e a preferência é por aqueles que estão com problemas jurídicos, numa intenção clara de explicitar um sistema fundiário urbano

1 PRAXIS: <http://praxis.arq.ufmg.br/>

2 INDISCIPLINAR: http://wiki.indisciplinar.com/index.php?title=P%C3%A1gina_principal

3 MLB: <https://www.facebook.com/mlbminas/>

4 Disciplina cartografias críticas: <https://dialogoselianasilva.wordpress.com/2013/11/18/pesquisa-criancas-e-espaco-publico/>

5 Diálogos: <https://dialogoselianasilva.wordpress.com/>

6 Artesanias do Comum: <https://www.facebook.com/artesaniasdocomum/>

7 Natureza Urbana: <http://naturezaurbana.indisciplinar.com/>

8 <http://www.arq.ufmg.br/controversas/index.php/acoes/dispositivos-de-mobilizacao-social/>

9 <http://www.arq.ufmg.br/controversas/index.php/acoes/economia-solidaria-e-tecnologia-social/>

10 Mídias Comunitárias: <http://www.arq.ufmg.br/controversas/>

11 PFLX: As disciplinas de projeto da Escola de Arquitetura da UFMG possuem uma configuração mista entre o modelo das disciplinas optativas e das obrigatórias, permitindo ao aluno uma escolha flexível a partir de uma gama grande de oferta.

excludente. A presença de arquitetos e urbanistas nesses processos não é condição para que as ocupações ocorram, mas ela pode acontecer por meio de parcerias dos movimentos de luta pela moradia com coletivos, como as “Arquitetas sem Fronteira”¹², ou com grupos de pesquisa das universidades, como foi o caso das Ocupações Eliana Silva e Paulo Freire, na região do Barreiro, em Belo Horizonte. Essas ocupações foram organizadas pelo Movimento de luta em Bairros, Vilas e favelas (MLB), cujo coordenador, Leonardo Péricles, procurou o apoio da Escola de Arquitetura da UFMG em 2012. Tal apoio veio inicialmente através da parceria com o grupo de pesquisa PRAXIS e em 2016 foi feita uma nova parceria, com o grupo de pesquisa Indisciplinar. (LOPES, 2015)

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Importante ressaltar que, desde o início das atividades com o MLB, havia da nossa parte uma inquietação quanto à necessidade de construção de instrumentos que promovessem uma troca real entre os saberes e as práticas de todos os atores envolvidos nas práticas extensionistas propostas. Como bem já havia alertado Foucault muitos anos antes:

“Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber; poder que não se encontra somente nas instâncias superiores de censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade.” (FOUCAULT, 1979, p.71)

Afinados com essa percepção, entendemos que, em atividades de campo, não cabem pressupostos baseados na “conscientização”, “capacitação” ou mesmo “qualificação” de uns pelos outros. O grau de implicação de todos na ação deve ser determinante para provocar, nesse encontro de saberes e desejos, os agenciamentos e as conexões que produzem as redes. Tal mudança de perspectiva altera bastante a relação entre o pesquisador e o pesquisado, na medida em que o “objeto” de pesquisa é percebido como “sujeito”, com voz e saber a ser compartilhado.

Encontramos nos pressupostos da cartografia as balizas teóricas para nos conduzir nessa empreitada. Para Deleuze e Guattari (2000) a realidade não é algo pronto, a ser representado e interpretado, mas processo de experimentação, atravessado por campos de forças e linhas de fuga, registrado de forma cartográfica. As pistas para essa cartografia po-

dem ser encontradas tanto nas coisas físicas e evidentes, como também nas não palpáveis, que, ao serem mapeadas e evidenciadas, permitem a visualização e a transformação dos próprios envolvidos nesse processo, sejam eles pesquisados ou pesquisadores.

Em função disso, para se cartografar um território, não se deve recorrer apenas às estatísticas e aos instrumentos de investigação que buscam comprovar ou refutar teorias pré-estabelecidas. Isso pode acontecer quando a investigação parte de questionários, sejam eles estruturados ou não estruturados, cuja estrutura se baseia em perguntas e respostas. Nessa direção, Lazzarato lembra ao seu leitor que, para Foucault e Deleuze, uma das fortes questões da política está na elaboração dos problemas. Apresentá-los é o mesmo que “introduzir novos objetos e novos sujeitos dentro do espaço da política e de torná-los as balizas de uma polêmica e de uma luta” (LAZZARATO, 2014, p. 127). Em outras palavras, se estamos interessados que um processo cartográfico aconteça de fato - sob a forma de um jogo aberto sem respostas preestabelecidas e/ou conhecidas, de perguntas que podem gerar outras perguntas e muitas provocações-, é preciso construir instrumentos capazes de operar tanto no campo da investigação quanto da intervenção, seja no território físico, seja na produção de novas subjetividades.

AFASTAMENTOS E APROXIMAÇÕES

As quatro experiências extensionistas descritas nesse artigo serão analisadas a partir de uma lente retroativa, cuja conexão percebida a posteriori surgiu na constatação que, mesmo sem ter sido programado, houve, ao longo dos seis anos que separam a primeira experiência da última, uma ampliação da escala de abrangência espacial das ações realizadas, acompanhada por um outro movimento, relativo às posições dos pesquisadores e dos integrantes do movimento de luta pela moradia envolvidos nos projetos de extensão realizados. Tal deslocamento se deu em parte porque a relação entre os envolvidos não foi construída a partir basicamente de demandas solicitadas, mas, principalmente, por meio de provocações e desvios, disparados por ambos.

Criança produz espaço

A partir do projeto de extensão “Diálogos”, foi possível perceber que nas ocupações urbanas autoconstruídas o espaço coletivo é vivido de forma intensa e diversa, em função, dentre outros fatores, da forte rede de vizinhança existente entre os moradores. Essa rede parte da necessidade de apoio entre eles, e se afirma pelos laços de solidariedade construídos ao

longo do tempo.

A demanda por um espaço que acolhesse os brinquedos doados à Ocupação Eliana Silva chegou aos pesquisadores do PRAXIS sob a forma de duas palavras: “parquinho” e “segurança”. A referida segurança deveria incluir as crianças e os brinquedos, bem como muros e cercas para que não houvesse roubos, nem depredações. Nas conversas que se seguiram, foi sendo problematizada a associação, muitas vezes imediata, entre determinados suportes físicos e ideias, e que naquele caso entrava em contradição com o discurso e com a prática do próprio MLB, com foco na luta pelo direito à cidade para todos (e qualquer um). E para se ampliar essa discussão, foi oferecida no segundo semestre de 2012 uma disciplina optativa na Escola de Arquitetura da UFMG, Cartografias Críticas, cuja proposta era a construção de cartografias de espaços vividos, e na qual um dos grupos de alunos optou pelo espaço produzido pela criança na Eliana Silva.

O grande desafio a ser enfrentado foi o de se construir um dispositivo capaz de romper com a visão mais recorrente sobre as ocupações urbanas autoconstruídas, baseada exclusivamente na precariedade e na falta. A partir dessa visão, os técnicos costumam implementar, quase de forma automática, soluções idealizadas e desconectadas, fazendo “tábula rasa” com o território, através da substituição sumária de todas as invenções engendradas pelos moradores no seu cotidiano, mesmo que grande parte delas já estejam atendendo às demandas locais. No caso específico da Ocupação Eliana Silva, as ruas sem pavimentação, por exemplo, permitem um uso compartilhado entre as pessoas e os automóveis; do mesmo modo, as brincadeiras acontecem de maneira difusa e nos espaços mais diversos, sem que seja necessária a institucionalização ou a funcionalização dos espaços do brincar. Tal percepção não significa que essas ruas não precisem de intervenção para acabar com os buracos, a poeira nas épocas secas ou a lama das estações chuvosas. O desafio, ao nosso ver, está justamente na construção de soluções que assumam tanto os problemas, quanto incorporem as potencialidades já existentes no território.

Para a cartografia em campo, os alunos foram provocados pelo conceito de “dispositivo narrativo” no cinema:

“O dispositivo é a introdução de linhas ativadoras em um universo escolhido. O criador recorta um espaço, um tempo, um tipo e/ou uma quantidade de atores e, a esse universo, acrescenta uma camada que forçará movimentos e conexões entre os atores (personagens, técnicos, clima, aparato técnico, geografia etc.). O dispositivo pressupõe duas linhas complementares: uma de extremo controle, regras, limites, recortes; e outra de absoluta abertura, dependente da ação dos atores e de suas interconexões; e mais: a criação de um dispositivo não pressupõe uma obra. O dispositivo é uma experiência não roteirizável, ao mesmo tempo em que a utilização de dispositivos não gera boas ou más obras por princípio”. (MIGLIORINI, 2018, p.1)

A partir dessa provocação, os estudantes propuseram três dinâmicas (oficina de desenho, elaboração de um vídeo e registros fotográficos), disparadas pelas seguintes perguntas feitas às crianças: se um estrangeiro chegasse ali querendo conhecer a ocupação, onde elas o levariam, o que mostrariam para ele, que histórias contariam? Tais questões abriram um

campo amplo de discussões, a partir das quais se adentrou no mundo daquelas crianças por meio tanto de um resgate provocativo das realidades vividas, quanto de um estímulo à imaginação infinita típica do universo infantil.

Na oficina de desenho, as crianças desenharam mapas da ocupação, com a inserção de suas próprias casas, das casas das pessoas mais “importantes” (parentes e coordenação), dos equipamentos coletivos autoconstruídos (creche e biblioteca comunitária), como também das casas maiores e mais coloridas. Nesses desenhos elas também colocaram a sigla do movimento e algumas palavras de ordem da luta pela moradia. (FIG.1)

FIGURA 1: Oficina de desenhos promovida pelos alunos da disciplina Cartografia críticas 2012/2



FONTE : Fotos tiradas pelos alunos da disciplina e gentilmente disponibilizadas

Durante a elaboração do roteiro do vídeo¹³, o “estrangeiro” escolhido para representar o personagem do filme foi um morador adolescente, que de fato estava recém chegado à Eliana Silva, vindo de Roraima com sua mãe e seu irmão. No roteiro surgiram cenas de racismo e lutas corporais, com desfecho feliz de conciliação e amizade.

Já nos registros fotográficos dos alunos da disciplina (FIG.2) apareceram as mais diversas brincadeiras, feitas com coisas achadas e coletadas pelas crianças (pedras, barbantes, latinhas, etc), e organizadas por regras inventadas e acordadas entre elas.

13

<https://dialogoselianasilva.wordpress.com/2013/11/22/a-ocupacao-eliana-silva-pelas-criancas/>

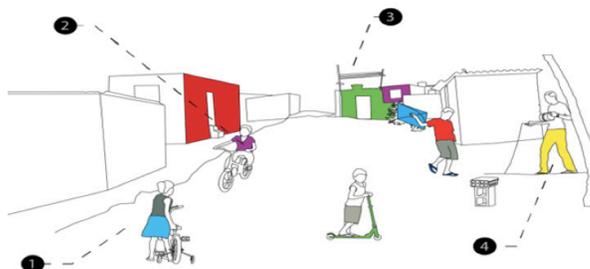
FIGURA 2 : Registro das brincadeiras das crianças da Ocupação Eliana Silva - 2012/2



FONTE: Fotos tiradas pelos alunos da disciplina e gentilmente disponibilizadas

Ao final das atividades de campo, os alunos montaram um vídeo, que foi exibido na ocupação em uma atividade festiva. Também elaboraram desenhos das brincadeiras mapeadas, representando o espaço produzido pela criança da Eliana Silva de maneira bem diferente daquela dos mapas e dados oficiais, que evidenciam apenas a precariedade (real, mas não total) dos territórios mais pobres. (FIG.3)

FIGURA 3: Representação gráfica das brincadeiras mapeadas na Disciplina Cartografias Críticas 2012/2



FONTE: Material produzido pelos alunos da disciplina e gentilmente disponibilizadas

Quanto aos brinquedos doados para o MLB, o coletivo “Engenheiros da Alegria”¹⁴ se encarregou de construir um parquinho em uma área escolhida pelo movimento, situada nas fronteiras da ocupação com a área de preservação ambiental vizinha, fora do circuito infantil da Eliana Silva mapeado pelos alunos da disciplina. Tal escolha se deu em função de um conflito de terras com grileiros da região e no entendimento de que a implantação de um equipamento coletivo ali poderia funcionar como resistência ao desmatamento pretendido. Entretanto, apesar da importância política dessa decisão para aquele momento, esse espaço foi ficando subutilizado ao longo do tempo, até chegar a seu abandono completo.

Hoje em dia, alguns dos brinquedos estão no pátio da creche comunitária, outros foram para a Ocupação Paulo Freire, e uns se encontram espalhados pela Eliana Silva, em lugares escolhidos pela sua posição estratégica (“perto de”) ou pela presença de uma sombra de árvore. As ruas? Essas continuam sendo usadas de forma compartilhada, carro/bicicleta/gente, e ainda precisam ser pavimentadas. Espera-se que, quando isso acontecer, a pavimentação escolhida não traga com ela a velocidade e o protagonismo dos carros, motos e caminhões. Sobre essa questão, os projetos de extensão “Artesanias do Comum” e “Natureza Urbana” assumiram o desafio posto, a partir do seu envolvimento no projeto do Parque das Ocupações.

Uma ideia na cabeça e árvores plantadas no chão

As ocupações urbanas Eliana Silva e Paulo Freire, coordenadas pelo MLB, estão localizadas na região do Barreiro, em uma gleba, onde também estão mais quatro ocupações urbanas (Camilo Torres, Irmã Dorothy, Portelinha, Nelson Mandela) e algumas indústrias, todas disputando espaço com uma grande área verde (FIG.4 e 5). No discurso hegemônico, a presença das ocupações por moradia ao lado de áreas de preservação ambiental é normalmente criminalizada.

FIGURA 4 : Imagem do Google com a identificação dos limites do Parque e ocupações existentes 2012/2



FONTE: Imagem produzidas pela equipe dos projeto de extensão Natureza Urbana e Artesanias do comum

FIGURA 5 : Imagem do Google com a identificação do zoneamento da área do parque



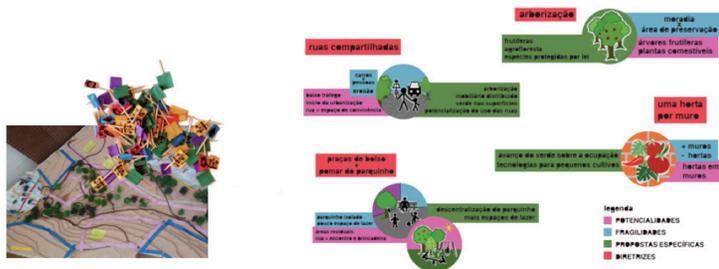
FONTE: Imagem produzida pela equipe dos projeto de extensão Natureza Urbana e Artesanias do comum

Diante desse conflito, a nomeação “Parque das Ocupações” teve uma intenção política direta: associar a luta por moradia à questão ambiental, sem colocá-las em pólos opostos, numa tentativa de complexificar essa relação. Tal nomeação, apesar de ter sido feita por pesquisadoras do grupo Indisciplinar em uma visita à Ocupação Paulo Freire em junho de 2015, foi sendo adotada pelos coordenadores do MLB aos poucos, principalmente em situações de pressão e negociação com o poder público.

A segunda experiência extensionista se iniciou no primeiro semestre de 2016, com o tema do parque sendo levado para dentro da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), através da disciplina de projetos “Parque das Ocupações do Barreiro”¹⁵.

A disciplina foi iniciada com uma cartografia coletiva nas ocupações (FIG.6), visando o mapeamento das práticas cotidianas com o foco na relação dos moradores com o verde. A partir dessa cartografia, os alunos puderam constatar que, apesar da subtração da vegetação nas fronteiras entre o território das moradias autoconstruídas e a área de preservação ambiental, o verde retornava às ocupações sob a forma de jardins, hortas e pomares, em vários quintais e frentes das casas, por motivos diversos, desde a necessidade alimentar, passando pela composição da renda familiar, até alcançar a memória afetiva associada aos sabores e ao cheiros das plantas. (FIG.7)

FIGURA 6: Material produzido pelos alunos da disciplina Parque das ocupações para a cartografia coletiva nas ocupações



FONTE: Acervo Indisciplinar

FIGURA 7: Mapa das intervenções urbanísticas propostas pelos alunos na disciplina Parque das ocupações - 2016/1



FONTE: Acervo Indisciplinar

Os alunos, então, desenvolveram propostas de arborização, compostas tanto por árvores da mata nativa (árvores de recomposição), quanto por aquelas identificadas no mapeamento (árvores dos afetos). Além dessas, foi proposto o plantio de árvores protegidas por lei para extração (árvores de resistência), como um “ato de sequestro”, cujo refém, a árvore imune ao corte, garantiria também a permanência dos moradores.

Quanto à urbanização das ocupações, os alunos propuseram a manutenção das “ruas compartilhadas” já existentes, por meio de uma pavimentação intertravada, que impede que os carros circulem em alta velocidade e, assim, permite que os pedestres continuem a usá-la sem riscos, facilitando também a drenagem das águas pluviais. (FIG.8)

FIGURA 8 : Imagens das intervenções propostas pelos alunos da disciplina PFLEX: Parque das Ocupações - 2016/1



FONTE: Acervo Indisciplinar

Com o término da disciplina, o projeto paisagístico e arquitetônico do parque passou a ser desenvolvido pelo grupo de professores e alunos integrantes dos projetos de extensão “Natureza Urbana” e “Artesanias do Comum”, resultando em um caderno¹⁶, que foi entregue à coordenação do MLB em março de 2017, e, a partir daí, usado como instrumento de negociação junto ao poder público do município, incluindo a Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (URBEL) e a Companhia de Saneamento do município (COPASA).

Os efeitos dessa negociação podem ser identificados tanto na fala de alguns técnicos dessas companhias, que passaram a adotar o nome “Parque das ocupações” para se referir à região, quanto na doação de oitenta mudas pela COPASA à Ocupação Paulo Freire em novembro de 2018, para a arborização das ruas.

Entretanto, apesar da narrativa sobre o parque ser identificável na fala da coordenação do movimento e de alguns técnicos do poder público, ela ainda estava muito distante dos moradores, mesmo que alguns deles tivessem participado da cartografia coletiva realizada em 2016. Diante dessa preocupação, programou-se uma dinâmica com os moradores, que incluiu roda de conversa, oficina de produção das placas de identificação das mudas e realização de um jogo construído pela equipe dos projetos de extensão, no intuito de promover discussões sobre o plantio e sobre o cuidado com as árvores em contexto urbano.

16 <http://naturezaurbana.indisciplinar.com/wp-content/uploads/2017/09/Parque-das-Ocupa%C3%A7%C3%B5es-com-mapas-atualizados-e-map%C3%A3o-edi%C3%A7%C3%B5es-junho2017-1.pdf>

FIGURA 9: Dinâmica para discussão sobre o plantio das mudas na Ocupação Paulo Freire



FONTE: Acervo da autora

Enfim, no dia 24 de novembro de 2018, as mudas foram plantadas nas ruas da Paulo Freire, por meio de um mutirão que reuniu moradores, funcionários da COPASA, funcionários de uma empresa vizinha às ocupações, a VINA, e integrantes do programa de extensão “Natureza Política”¹⁷. (FIG.10)

17 O programa de extensão “Natureza Política” foi criado em 2017 para integrar e fortalecer as ações dos projetos de extensão “Artesanias do Comum”, “Natureza Urbana” e “Cartografias Emergentes”.

FIGURA 10: Dinâmica para discussão sobre o plantio das mudas na Ocupação Paulo Freire

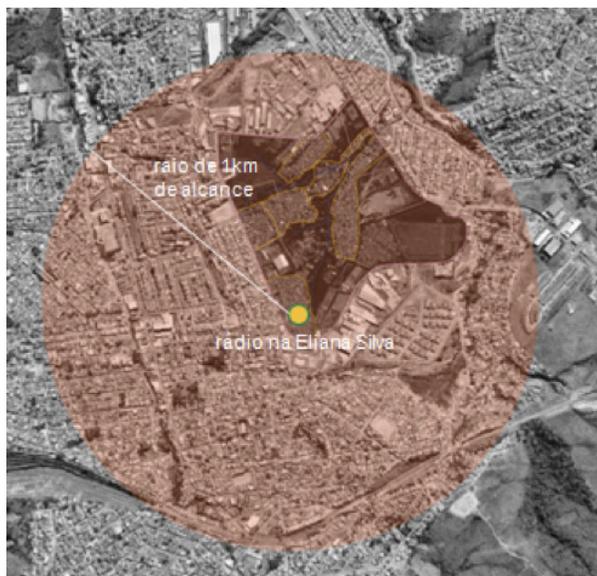


FONTE: Acervo da autora

Rádio e rebelião

A terceira experiência extensionista se refere à implementação de uma rádio comunitária na Ocupação Eliana Silva, cuja proposta era ventilada desde o início da parceria do MLB com o grupo PRAXIS, em função de uma possível doação de equipamentos de rádio para o movimento e da instalação da sede da biblioteca comunitária em uma casa da ocupação. Além disso, os coordenadores do MLB acreditavam que a instalação de uma rádio ali seria de suma importância para a amplificação da discussão política pretendida pelo movimento. (FIG.11)

FIGURA 11: Sobreposição da área do Parque das Ocupações e do raio que a rádio comunitária na Ocupação Eliana Silva alcançaria



FONTE: Acervo da autora

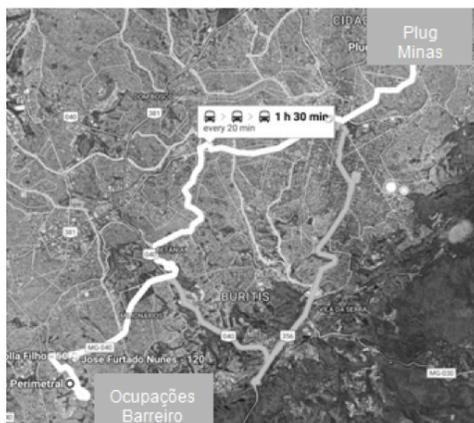
Entretanto, o equipamento nunca apareceu, a sede da biblioteca mal dava para abrigar as atividades relacionadas com os vários livros adquiridos por meio de doações, devido a trincas e infiltrações recorrentes e da falta de “mediadores” de leitura para mantê-la em funcionamento.

No final de 2016, surgiu a possibilidade de uma parceria do MLB com a Associação Imagem Comunitária (AIC)¹⁸, articulada pela coordenação do projeto de extensão “Mídias comunitárias na produção política do espaço”. A partir dessa parceria, os jovens das ocupações Eliana Silva e Paulo Freire passaram a frequentar uma oficina de formação em rádio comunitária, oferecida pelo projeto “Desembola na ideia”¹⁹, que, com a distribuição gratuita de vales transportes, pôde garantir o deslocamento desses jovens da região do Barreiro, sul do município, ao Plug Minas²⁰, localizado na regional Leste. (FIG.12)

18
19
20

<http://aic.org.br/>
Desembola na ideia: <https://www.facebook.com/desembolanaideia/>
Plug Minas: www.plugminas.mg.gov.br

FIGURA 12: Rota do deslocamento dos jovens da Ocupação Eliana Silva para participação das oficinas de rádio no Plug Minas



FONTE: Acervo da autora

Vale citar que, em janeiro de 2017, ocorreu o evento “Minha Quebrada”, organizado pelo UJR (União da Juventude Rebelião), movimento ligado ao MLB, no qual foram realizadas não só atividades esportivas e artísticas, como também rodas de conversa sobre racismo, sexualidade, feminismo, violência, dentre outras pautas importantes sobre e para a juventude. Vários dos adolescentes que participaram desse evento foram indicados pela coordenação da UJR para participar também das oficinas de rádio.

Quanto ao papel dos projetos de extensão “Mídias Comunitárias” e “Diálogos” e do projeto de pesquisa “Dispositivos de mobilização social”, os bolsistas dos projetos se envolveram em duas frentes: o desenvolvimento de um projeto arquitetônico para a nova sede da rádio-biblioteca da Eliana Silva, e o acompanhamento das atividades da oficina de rádio no projeto “Desembola na Ideia”.

A primeira frente trabalhou a partir de pressupostos participativos, com a construção de instrumentos dialógicos: 1) jogo de imagens, para se ampliar o repertório arquitetônico de todos os envolvidos nas discussões; 2) jogo de palavras, para se definir a listagem dos espaços, dimensões e atributos espaciais associados; 3) maquete física, para fomentar as discussões sobre as relações coletivo-público, relações de vizinhanças, etc e subsidiar as definições espaciais. Ao final dessas dinâmicas, os bolsistas desenvolveram três estudos preliminares, com a mesma metragem, mas com soluções projetuais e construtivas diferentes. (FIG.13)

FIGURA 13: Imagens do processo de elaboração do projeto arquitetônico da sede da rádio comunitária da Eliana silva



FONTE: Acervo da autora

A segunda frente de ação foi realizada por meio do acompanhamento das oficinas de rádio pela bolsista do projeto “ Mídias Comunitária”, já que a intenção era promover, junto à formação técnica dos jovens, discussões sobre o direito à moradia e o papel dos movimentos de luta, a produção do espaço das ocupações e a ideia de pertencimento desses jovens, do direito à cidade e as fronteiras e interdições percebidas e vividas por eles, etc. Imaginávamos que tais discussões poderiam ser incorporadas às pautas dos programas que iriam ser veiculadas pela rádio, dando visibilidade aos conflitos existentes no território e também fortalecendo os processos solidários e colaborativas engendrados na produção do espaço das ocupações. As oficinas contemplaram atividades voltadas tanto para a formação técnica dos jovens, quanto para promoção de discussão sobre questões sobre território, comunicação e juventude. (FIG.14)

FIGURA 14: Imagens das oficinas de rádio realizadas pelo projeto “Desembola na Ideia” no Plug Minas

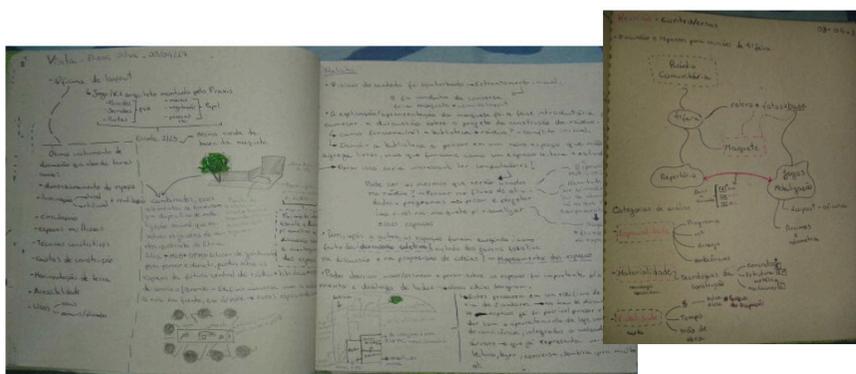


FONTE: Acervo da autora

Importante ressaltar que a bolsista que acompanhou todo o processo, além de aluna do curso de Arquitetura, era militante do MLB, o que a permitiu estar próxima aos jovens em situações fora das suas atividades acadêmicas, promovidas pelo movimento, tais como festas, manifestações políticas, participação em audiências públicas. Esse duplo papel foi fundamental para a criação de um laço entre ela e os jovens e, consequentemente, entre eles e o projeto de extensão. Além disso, a bolsista se interessou por participar das reuniões da equipe do “Desembola na Ideia”, formada por psicanalistas e arte-educadores.

Todas essas atividades foram intercaladas por discussões e orientações feitas na Escola de Arquitetura, resultando em uma metodologia construída pelas inquietações acadêmicas, atividades militantes e uma cuidadosa “escuta” adquirida por ela, permitindo-lhe que acolhesse as questões e aflições dos jovens - algumas típicas de todos os adolescentes (sexualidade, autoimagem, amizade), outras, muito específicas da realidade daqueles jovens (violência, tensão, riscos de despejo) -, e as transformassem em oportunidade para discussão. Além disso, a bolsista conseguiu efetivar as gravações de entrevistas e outras reportagens, encomendadas pelo oficinairo responsável como atividades de casa, e muitas vezes não realizadas por motivos diversos. Todo o processo foi sendo registrado em um caderno de relatos. (FIG.15)

FIGURA 15: Cadernos das bolsistas envolvidas no projeto da rádio comunitária



FONTE: Acervo da autora

Outro ponto importante desse processo se refere ao deslocamento dos jovens ao Plug Minas. Atravessar a cidade de sul a leste configurou uma experiência rica no que se refere à mobilidade urbana e ao acesso à cidade. Mesmo com o fim da parceria firmada com o projeto “Desbrola na idéia”, e, conseqüentemente, a interrupção da distribuição dos vales-transporte, os adolescentes continuaram indo por conta própria ao Plug Minas. Podemos inferir que, durante esse processo, esses jovens aprenderam que o “direito à cidade” poderia ser conquistado de outras maneiras, por meio, por exemplo, do transgressivo “pulão” – pulo das catracas do metrô, sem pagar a passagem –, bastando ter o aval das suas famílias para irem ao Plug.

MLBus: sob nova direção

Com os estudos preliminares do projeto arquitetônico em mãos, era preciso buscar meios financeiros de viabilizar sua execução. Assim, se iniciou a quarta ação extensionista naquele território, dessa vez com o apoio de uma empresa vizinha às ocupações do Barreiro, especializada em serviços de limpeza urbana, locação de equipamentos e manutenção de obras viárias, a VINA²³.

O apoio veio sob a forma da doação de um ônibus para o MLB. Imaginou-se, em um primeiro momento, que o veículo poderia ser adaptado para acolher a sede da biblioteca e rádio comunitária da Eliana Silva. Entretanto, o ônibus, apesar de antigo (foi fabricado em 1994), estava em perfeitas condições para realizar os deslocamentos que o movimento necessitava para suas ações de militância. O “direito à cidade” experimenta-

do pelos jovens que frequentaram as oficinas de rádio poderia ser ampliado, e isso foi percebido pelo movimento como sendo um ganho enorme para a luta pela moradia.

Em reuniões entre a coordenação dos projetos e a coordenação do MLB, definiu-se que a transformação do ônibus deveria ser feita buscando a ampliação do seu uso, ou seja, quando estivesse estacionado – o que deveria acontecer com frequência –, ele deveria acolher outras atividades importantes para os moradores das ocupações.

Novamente, essas ideias foram levadas para uma disciplina (PFLEX: Arquitetura Desobediente, 2017/2), ministrada pela coordenadora dos projetos de pesquisa e extensão, em cujo plano de ensino havia a proposta de conjugação entre projeto e construção, na escala do que é entendido como “arquitetura de interiores”.

Os alunos da disciplina iniciaram o processo com a elaboração de “instrumentos cartográficos”, com o objetivo de disparar discussões sobre mobilidade urbana, relações de vizinhança e sobre as atividades dos moradores no seu cotidiano e também nas festas, reuniões, bazares, manifestações, etc. Além de uma maquete desmontável do ônibus, os alunos montaram um grande mapa do entorno, com os equipamentos públicos marcados, construíram um jogo de palavras e um kit de imagens de ônibus reformados. A intenção era cartografar o território, mapear a produção do espaço engendrada por eles, ampliar repertório, levantar as habilidades de cada um, discutir possibilidades e construir os acordos necessários para a realização efetiva da reforma do ônibus. (FIG.16)

FIGURA 16: Reuniões dos alunos da disciplina PFLEX Arquitetura Desobediente 2017/2 com os moradores das ocupações Eliana Silva e Paulo freire para discussões sobre as propostas de intervenção no ônibus doado ao MLB



FONTE: Acervo do grupo Indisciplinar

A partir das discussões feitas, os alunos desenvolveram três propostas arquitetônicas, com orçamento e cronograma das atividades necessárias para sua execução. Apresentaram-nas aos moradores, que aprovaram a retirada de alguns bancos internos para dar lugar a um novo mobiliário capaz de acolher atividades de leitura, venda de produtos e pequenas reuniões. Também foi decidido que haveria a instalação de um toldo na lateral externa do ônibus, que, quando esticado na horizontal, formaria uma tenda agregando atividades sob ele, e, quando esticado verticalmente, funcionaria como uma grande tela de projeção de filmes (FIG.17). Algumas dessas propostas foram executadas em um fim de semana, sob a forma de mutirão. (FIG.18)

FIGURA 17 : Propostas de intervenção no ônibus produzidas pelos alunos da disciplina PFLEX Arquitetura Desobediente 2017/2



FONTE: Acervo do grupo Indisciplinar

FIGURA 18: Mutirão para execução das intervenções propostas



FONTE: Acervo do grupo Indisciplinar

A alteração estética da carcaça do ônibus também foi aprovada pelos moradores, mas só foi executada depois do término da disciplina. Os bolsistas dos projetos de extensão e pesquisa se encarregaram dessa atividade, que incluiu desde o desenvolvimento da identidade visual do ônibus até sua execução de fato. Para isso, foi feito um mapeamento na página do Facebook das palavras fortes do movimento, que foram, então, apresentadas e discutidas com os coordenadores do MLB, para finalmente se definir quais deveriam compor a identidade visual pretendida: moradia digna, protesto, direitos, reforma urbana, feminismo, famílias e outras. Essas palavras foram pintadas, sob a forma de um skyline, nas laterais do ônibus, pelos próprios alunos, com o apoio dos funcionários da VINA, que também disponibilizou tintas e equipamentos de pintura. (FIG.19)

FIGURA 19: Intervenções executadas pelos bolsistas dos projetos de pesquisa e extensão, com o apoio dos funcionários da VINA



FONTE: Acervo do grupo Indisciplinar

Em fevereiro de 2018, o ônibus foi entregue ao MLB, em um café da manhã comemorativo, que contou com a presença dos moradores, lideranças, representantes da VINA, estudantes e professores da Escola de Arquitetura. (FIG.20)

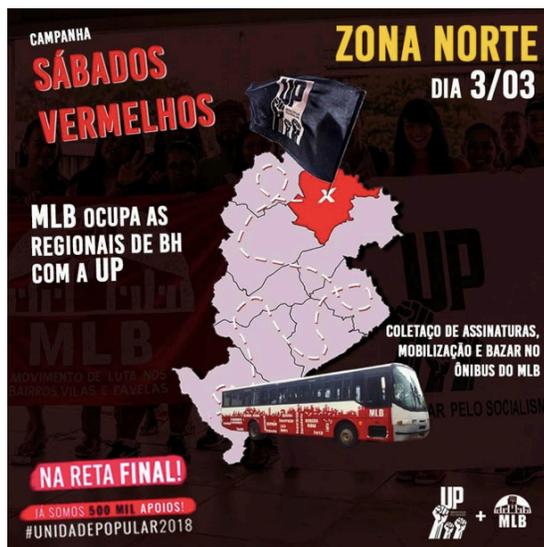
FIGURA 20: :Convite para o evento de entrega do ônibus na Ocupação Paulo Freire



Fonte: Imagem produzida por alunos bolsistas do grupo Indisciplinar e militantes do MLB

Desde então, o ônibus circula pela cidade, para colher assinaturas para a formação de um partido político, a Unidade Popular pelo socialismo (UP), promovendo bazares, levando os moradores para reuniões, manifestações e outras atividades. (FIG.21)

FIGURA 21: Cartaz de divulgação da coleta de assinatura da UP



FONTE: Página do facebook do MLB

DESDOBRAMENTOS

A ampliação da escala espacial de atuação desses projetos de extensão e pesquisa junto às ocupações urbanas autoconstruídas da região do Barreiro, ocorrida ao longo de seis anos, foi acompanhada por uma ampliação do alcance da contranarrativa empreendida no intuito de complexificar o entendimento sobre os territórios das ocupações autoconstruídas.

No primeiro caso relatado, a cartografia da produção do espaço engendrada pelas crianças permitiu a visualização de um território marcado não apenas pela precariedade e pela falta, mas também pela invenção e por um uso não funcionalista do espaço. Como se tratou de uma atividade cujo foco espacial ficou restrito ao território da Eliana Silva, o alcance dessa contranarrativa ficou limitada ao campo acadêmico (alunos envolvidos nas disciplinas e leitores do artigo apresentado e posteriormente publicado em anais de congressos) e aos coordenadores do MLB.

No caso do projeto do parque, a ampliação na escala da abrangência da ação foi acompanhada por um aumento do alcance da contranarrativa sobre a relação entre moradia autoconstruída e preservação da natureza. Visto que, além de produzir efeitos na academia –além dos pesquisadores diretamente envolvidos, novos artigos e apresentações sobre o assunto que foram muito escritos e apresentados para públicos além do da UFMG–, e na coordenação do MLB –que cada vez mais vem adotando o projeto como pauta importante do movimento–, o projeto do parque atingiu o meio dos técnicos dos serviços públicos responsáveis pelas políticas urbanas do município, identificável na adoção da nomeação “parque das ocupações”. Importante lembrar que, além desses efeitos, houve um desdobramento efetivo e “enraizado”, considerando o plantio das árvores doadas pela COPASA para a arborização das ruas da Ocupação Paulo Freire.

Por sua vez, o projeto de uma rádio comunitária a ser gerida por jovens, cuja antena deverá ter um alcance de 1 km, já resultou não em uma circunferência sobre o território das ocupações, mas em uma “linha de fuga” que cruzou a cidade e possibilitou a esses jovens acessarem outras territórios. Com o fim da parceria com o projeto “Desembola na Ideia”, foi preciso retornar à região das ocupações do Barreiro, e outra linha de fuga foi aberta, considerando que parte dos jovens que participaram das oficinas está hoje envolvida com a equipe de comunicação do MLB. Quanto ao ônibus, é possível afirmar que ele funcionou como outra linha de fuga, cuja direção, em todos os sentidos, está sendo dada pelo próprio movimento na ampliação da sua militância pela cidade.

Normalmente preparado para estudar (no caso dos projetos de pesquisa) ou para solucionar problemas (no caso dos projetos de extensão), os pesquisadores envolvidos nas experiências relatadas lidaram com as demandas de modo diferente de uma “resposta”, desviando, ampliando

e abrindo novos caminhos para interlocuções mais amplas. Ao mesmo tempo em que esse deslocamento do lugar da academia junto às comunidades mais vulneráveis socialmente se distanciou daquele de um pesquisador impositor de ideias, ele também não se confundiu com o do mediador entre saberes. Houve aqui um posicionamento que difere tanto do olhar sobre essa comunidade como sendo desprovida de saber - e, conseqüentemente, necessitada do conhecimento técnico ou da conscientização social na qual ela se encontra -, quanto de um olhar conciliador. Desse outro modo, as invenções táticas mapeadas foram sempre percebidas na sua potência, mas como ponto de partida, ou seja, a partir delas foram provocadas discussões e, com isso, se agregou outras invenções. As várias e contínuas conexões foram sendo construídas, a partir das oportunidades, que, ao serem agenciadas, resultaram em desdobramentos abertos e em movimento.

Assim sendo, é possível inferir que o papel da academia pode estar próximo a do agenciador, que além de um “lugar de escuta” atenta e respeitosa, deve também promover “falas sem lugar”, ou melhor, “falas que desestruturam a geometria dura dos lugares” (SAFATLE, 2016, p.15). Para tal, é preciso estar disposto a “começar pelo meio, entre pulsações” (KASTRUP, 2009, p. 58) e a correr riscos, inclusive de desvios de rotas e de reposicionamentos constantes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à toda equipe dos projetos de pesquisa e de extensão envolvida nas ações citadas nesse artigo; aos estudantes de graduação que participaram das disciplinas Cartografias Críticas (2012/2), Parque das Ocupações (2016/1), PFLEX Arquitetura Desobediente (2017/2); aos moradores das Ocupações Eliana Silva e Paulo Freire; e à coordenação do MLB.

Agradecemos também o apoio dado pelo CNPq, ProEx/UFMG e PRPq/UFMG.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. Felix GUATTARI. Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2000

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

FOUCAULT, M., DELEUZE, G. Os intelectuais e o poder. IN: FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1979.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. (p.32 a 51) IN: ESCOSSIA, Liliana. KASTRUP, Virgínia. (ORG) PASSOS, Eduardo. Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Editora meridional, 2009

LAZZARATO, Maurizio. Signos, Máquinas e Subjetividades. São Paulo: Edições Sesc São Paulo: n-1 edições, 2014.

LOPES, M. S. B. Artesanias Construtivas e Urbanas: por uma tessitura de saberes. 2015. 276 f. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-9WRGLR>> Acesso em 07/03/2018.

MIGLIORINI, Cezar. O dispositivo como estratégia narrativa. Disponível em < <http://www.estacio.br/graduacao/cinema/digitagrama/numero3/cmigliorin.asp>>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

SAFATLE, Vladimir. Quando as ruas queimam: Manifesto pela emergência. IN: Caixa Pandemia de cordéis. São Paulo: n-1, Edições. 2016